

# VALORAÇÕES DE IMIGRANTES BRASILEIROS RETORNADOS DOS ESTADOS UNIDOS SOBRE SUAS PRÁTICAS DE LÍNGUA\*

## VALUATIONS OF BRAZILIAN IMMIGRANTS RETURNED FROM THE UNITED STATES REGARDING THEIR OWN LANGUAGE PRACTICES

Rafael Barbosa Lucas 1

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo discutir os relatos de imigrantes brasileiros retornados dos Estados Unidos ao Brasil a respeito de suas práticas de língua em contexto migratório, ou seja, analisar valores atribuídos por esses sujeitos às suas próprias atividades de língua. Para alcançar esse propósito, esta investigação contou com dados de uma pesquisa realizada com imigrantes brasileiros retornados dos Estados Unidos, composta por 124 entrevistas. As informações selecionadas nesta pesquisa foram analisadas pelo método de Análise Dialógica do Discurso (ADD), que se sustenta nos estudos dialógicos de Bakhtin e seu Círculo. Os resultados sugerem que os valores apresentados pelos entrevistados, ao se referirem às suas práticas de língua, estão intimamente relacionados às experiências vividas por estes sujeitos. Ao apresentarem valores positivos ou negativos sobre essas práticas, esses enunciadores revelam ter consigo situações concretas de suas práticas linguageiras, escapando de qualquer compreensão idealisticamente estanque de língua.

**Palavras-chave:** Migrações. Dialogismo. Discurso. Valoração. Língua.

**Abstract:** This article aims at discussing reports of Brazilian immigrants returning from the United States to Brazil regarding their language practices in a migratory context, that is, to analyze values attributed by these subjects to their own language activities. In order to achieve this purpose, this investigation relied on data from a survey conducted with Brazilian immigrants returning from the United States, which comprised 124 interviews. The information selected in this research was analyzed by the Dialogical Analysis of Discourse (DAD) methodology, which is supported by the dialogic studies of Bakhtin and his Circle. The results suggest that the values presented by the interviewed subjects, when referring to their language practices, are closely related to the experiences lived by each subject. When presenting positive or negative values about these practices, these enunciators reveal that they bring along with them concrete situations of their language practices, escaping any idealistically rigorous comprehension of what language is.

**Keywords:** Migrations. Dialogism. Discourse. Valuation. Language.

Doutorando em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGEL/UFES). Mestre em Gestão Integrada do Território pela Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE). Licenciado em Letras: Língua Portuguesa/Inglês e suas respectivas literaturas (UNIVALE). Bacharel em Teologia pela Faculdade Unida de Vitória. Bolsista CAPES — Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6709763235035396>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7734-5950>. E-mail: [rafaelb.lucas@hotmail.com](mailto:rafaelb.lucas@hotmail.com)

\*O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## Introdução

A emigração de brasileiros para os Estados Unidos (EUA), especialmente de sujeitos com o objetivo de trabalhar, teve início na década de 1960. Nessa década, dezessete jovens de classe média que estudavam na escola de inglês IBEU (Instituto Brasil Estados Unidos), em Governador Valadares, Minas Gerais, foram para os EUA para participar de um intercâmbio estudantil. Ao regressarem desse país, cheios de histórias para contar, muitas pessoas paravam para ouvir seus relatos e ver fotografias relacionadas a essa terra estrangeira (SIQUEIRA, 2018; SIQUEIRA; ASSIS; CAMPOS, 2010).

Essas informações transmitidas, ao que parece, estimulavam o imaginário de valadaresenses a enxergarem a possibilidade de tentar a vida na terra do *Tio Sam*<sup>1</sup>. No ano de 1964, munidos de informações sobre esse país, partiram os primeiros emigrantes em busca de trabalhar e ganhar a vida nos EUA. Ao longo dos anos, os que tinham ido davam suporte a amigos e familiares que ficaram e desejavam ir também, resultando na formação de redes sociais de cooperação, pelo benefício das quais o movimento se tornou menos arriscado. Na segunda metade da década de 1980, momento em que o Brasil vivia uma crise econômica, aconteceu um grande volume migratório de moradores locais para os EUA; especialmente da classe média, deve-se destacar, uma vez que os valores exigidos para a partida não eram acessíveis a todos. As idas para os EUA, desde então, tornaram-se ininterruptas, desenvolvendo-se na cidade o que pesquisadores chamam de cultura migratória (SIQUEIRA, 2018; SIQUEIRA; ASSIS; CAMPOS, 2010).

No destino, conforme Margolis (1994), Martes (1999), Sales (1999) e Siqueira (2009), um dos maiores obstáculos enfrentados por esses sujeitos é o não *domínio*<sup>2</sup> da língua inglesa. Como vão para um país cuja língua oficial é a inglesa, ter condições para estabelecer comunicação verbal com falantes dessa língua é muito importante para a obtenção de postos de trabalho sem intermediações na comunicação, o que possibilita, assim, ganhos mais atrativos. Nesse sentido, saber a língua tem sido apontado como requisito básico para a ampliação das possibilidades de ocupação no mercado de trabalho estadunidense, compondo uma das principais condições para que o sujeito passe de empregado para empregador de outros imigrantes.

Entretanto, deve-se chamar a atenção para o fato de que a prática de língua desses sujeitos, em situação concreta, não é nada transparente (LUCAS, 2017; LUCAS, 2018; LUCAS e SIQUEIRA, 2017; LUCAS e SIQUEIRA, 2018), o que torna difícil categorizá-los, pelo menos por meio de entrevistas fechadas, como indivíduos que dominam ou não a língua inglesa. Algumas indagações reforçam essa dificuldade: com base em que critério é possível afirmar que um imigrante brasileiro fala bem ou mal a língua inglesa? Que garantia há na qualificação de uso da língua que os sujeitos emitem discursivamente sobre si mesmos? Em que se agarra o pesquisador para ignorar os valores emitidos pelos sujeitos sobre suas práticas de língua? Como qualificar a prática de língua do imigrante brasileiro sem considerar as situações, relações sociais e contextos envolvidos na comunicação? Sobretudo, que ideia de língua é tomada nas análises empreendidas, bem como nas perguntas de pesquisa que se fazem sobre esse tema?

Essas questões, para as quais não se buscam, aqui, respostas diretas ou lineares, reagem a qualquer tratamento homogêneo ou simplificado da prática de língua de imigrantes brasileiros no contexto migratório estadunidense. Sendo assim, se, por um lado, é inegável a importância de se relacionar prática de língua com outras práticas, como as que se referem ao

<sup>1</sup> Contudo, esse evento não deve ser tomado isoladamente para explicar o grande volume migratório de moradores de Governador Valadares e região em décadas subsequentes. Segundo Siqueira, Assis e Campos (2010), outros fatores foram importantes para a configuração desse movimento na referida cidade, que teve seu ápice na década de 1980, não ocorrendo o mesmo episódio em outros lugares. Destacando-se, aqui, apenas alguns deles, os autores mencionam a vinda de norte-americanos a Governador Valadares no período da Segunda Guerra Mundial, na década de 1940, para a exploração da mica, gerando uma primeira aproximação. Soma-se a isso a vinda de engenheiros norte-americanos à localidade, nessa mesma década, com o objetivo de trabalhar na ampliação da Estrada de Ferro Vitória a Minas. A propósito, ressalta-se que a escola de inglês mencionada, que viabilizou a ida de intercambistas, era de Dona Geraldina Simpson, esposa de Mister Simpson, um dos engenheiros norte-americanos que vieram para Governador Valadares na década de 1940. Segundo os autores, depois do término das obras, o casal decidiu ficar na cidade, não retornando com os demais trabalhadores.

<sup>2</sup> Termo comumente empregado por pesquisadores que lidam com o fenômeno emigratório de brasileiros para os Estados Unidos, especialmente não linguistas.

mundo do trabalho, por outro lado, compreender melhor a prática de língua à qual esses sujeitos se referem, com toda a sua opacidade, é imprescindível em uma busca que se preocupa profundamente com o ser humano, expressivo e falante, capaz de falar sobre suas experiências vividas, de suas práticas de língua.

Posto isso, o objetivo nesta investigação é abrir uma discussão sobre a prática de língua inglesa de imigrantes brasileiros nos EUA mediante a análise de valores atribuídos pelos próprios sujeitos sobre a sua própria prática de língua, em um metadiscorso, evitando-se tratar esse objeto como algo transparente, simplificado ou resolvido.

## **Sobre a prática de língua de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos: um ponto de vista comumente empregado**

Sem qualquer preocupação em apresentar dados quantitativos para se fazer alguma justificação, pode-se dizer que grande parte dos trabalhos de pesquisa sobre a emigração de brasileiros para os EUA não tem tomado a língua como principal objeto ou a tem colocado em segundo plano, embora o tema seja quase uma passagem obrigatória nas diversas investigações. São comuns designações como *proficiência*, *domínio da língua*, *não falar a língua inglesa*, para exemplificar, sem preocupações evidentes com seus sentidos nos estudos linguísticos, campo em que esses e outros termos não são unívocos. Etiketamentos dessa natureza são muito comuns em documentos oficiais, como se vê no fragmento abaixo, tomado de dados censitários dos Estados Unidos de 2014, conforme Lima e Castro (2017, p. 66):

A proporção de brasileiros que não falam inglês é maior para as populações brasileiras das regiões de Nova York-Nova Jersey (6%) e Massachusetts (6%), e menor para as regiões da Flórida (3%), e Califórnia (3%). Dos brasileiros da Flórida, 82% falam somente inglês, ou falam inglês bem ou muito bem comparado a 90% destes residentes na Califórnia, 81% na região de Nova York-Nova Jersey e 74% para os de Massachusetts.

Tal procedimento repete-se, com muita frequência, entre pesquisadores ao tocarem na questão da língua, sobretudo entre aqueles de áreas fora dos estudos linguísticos, como pode ser visto no pioneiro trabalho da antropóloga Margolis (1994), que se utiliza do termo *proficiência* sem o objetivo de pensá-lo com algum rigor conceitual. Suas designações, pelo que aparentam suas informações e interpretações, não se firmam em testes ou em alguma perspectiva linguística evidente. Além disso, como elemento secundário de análise, a prática de língua, nomeadamente inglesa, é comumente associada, em diversos trabalhos de pesquisa, a outras atividades humanas, como as relacionadas ao mundo do trabalho (MARGOLIS, 1994; MARGOLIS, 2013; MARTES, 1999; SALES, 1999; SIQUEIRA, 2009).

Em estudos de diversos pesquisadores, especialmente oriundos da antropologia e sociologia, aponta-se que ter o próprio negócio ou ser subcontratado passa pela questão de ter um bom uso da língua inglesa. Quanto às mulheres, que ocupam predominantemente o mercado de faxina, para serem proprietárias de seu *schedule* — ou seja, relação de casas para se fazer faxinas —, elas devem ter alguma habilidade na língua inglesa, pois lidam diretamente com falantes dessa língua. Detentoras de um conjunto de clientes, elas subcontratam outras mulheres para realizar trabalhos nas casas de seus contratantes. Essas subcontratadas geralmente falam pouco ou nada do idioma inglês e a sua relação comunicativa é feita direta e restritamente com a dona da rota de faxina, obviamente, também falante da língua portuguesa. Além da habilidade com a língua inglesa, essas empregadoras possuem carro e contam, ainda, com a experiência de vida nos Estados Unidos (MARGOLIS, 1994; MARGOLIS, 2013; MARTES, 1999; SALES, 1999; SIQUEIRA, 2009).

No caso dos homens, que têm grande concentração na construção civil, a situação é apresentada de forma semelhante: ter condições de se comunicar com o falante de língua

inglesa é o que permite combinar serviços diretamente com o solicitante que fala essa língua. Dessa forma, entre homens e mulheres, evoluir da condição de empregado para empregador ou ter condições para tomar serviços sem intermediários, especialmente nesses dois ramos, passa pela condição do sujeito em estabelecer comunicação em língua inglesa (MARGOLIS, 2013; SIQUEIRA, 2009).

Seguindo o mesmo princípio, a descrição de Martes (1999), que apresenta estágios referentes à ocupação do imigrante no mercado de trabalho, ilustra o modo de tratamento predominante dado ao fenômeno linguístico. Segundo a autora, aos recém-chegados, que são direcionados a trabalhos mais duros, podendo envolver a limpeza nos mais diversos departamentos, como em hotéis, asilos e hospitais, não é exigido o domínio da língua inglesa. Com o tempo, o trabalho dos que chegam, uma vez que já alcançaram alguma experiência, pode ser mais bem remunerado e menos penoso. Em uma linha evolutiva (ou *trampolins*), a pesquisadora aponta que as alterações de posição de trabalho, além de outros atributos, passam pela capacidade do sujeito em atender às exigências comunicativas da atividade de trabalho.

Por essas breves impressões apresentadas, ainda que não seja intenção neste artigo fechar o assunto ou fazer indicações de noções espontâneas incutidas nas afirmações sobre língua desses pesquisadores que lidam com esse específico fenômeno migratório, não é difícil perceber lacunas em relação às complexidades da língua em sua concretização. Como já pontuado, grande parte das pesquisas sobre esse referido fenômeno, como também em documentos oficiais, é voltada para outras questões humanas e motivações, o que não deixa de ter o seu valor nesse campo tão amplo. Nesse cenário, o tema linguístico, secundário em grande parte dos estudos sobre imigrantes brasileiros nos EUA, ocupa predominantemente a posição de colaborar no entendimento de outros assuntos, como para compreender aspectos relacionados a ocupações e ascensões — ou restrições — de imigrantes no mercado de trabalho.

Por assim ser, ter um valor positivo ou negativo na língua inglesa, pelas explicações dos autores citados, não significa, necessariamente, que o emigrante tenha passado por testes ou que haja algum rigor linguístico nos valores apontados. É mais fácil pressupor que as conclusões apresentadas foram obtidas mediante respostas dos sujeitos a escalas apresentadas em questionários, com posterior agrupamento dos resultados. Ademais, essa breve apresentação, que não tem a ambição de fazer qualquer generalização em relação aos autores e disciplinas citados — áreas que, de longa data, têm servido à linguística, e vice-versa —, situa-se melhor como revelação das inquietações pessoais de um pesquisador no processo de suas reflexões<sup>3</sup>.

### Referir-se ao mundo por meio da palavra: a prática de língua como objeto de discurso<sup>4</sup>

No primeiro livro do pentateuco, Gênesis, que corresponde ao primeiro livro da bíblia cristã, é dito que o ser humano deu nome aos animais domésticos, às aves dos céus e a todos os animais selváticos. Curiosamente, pelo menos para um leitor que se acostumou a ouvir que o morcego é o único mamífero existente que voa, em Levítico, terceiro livro da sequência bíblica, em uma lista de aves impróprias para o consumo do antigo povo hebreu, aparece o morcego. Semelhantemente, conforme Santos, Ferreira e Carreira (2007), no século XVI, Oviedo, presente entre os primeiros viajantes europeus que se depararam com o Novo Mundo, em seu *Sumario de la natural historia de las Indias*, designa o morcego como pássaro noturno. Assim, a classificação do morcego nessas duas situações, por alto, sugere ser a mesma, embora seja prudente evitar qualquer precipitação taxativa. No que interessa aqui, sem entrar em pormenores históricos acerca da classificação desse animal, essas breves informações são ilustrativas sobre essa disposição humana em organizar o mundo através de designações e classificações, faceta da linguagem que, no curso da história, tem provocado muitos debates e teorizações.

3 Minhas reflexões sobre esse assunto tiveram início na Iniciação Científica (IC), realizada na Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), em Governador Valadares, Minas Gerais, sob a orientação da Profa. Dra. Sueli Siqueira, também orientadora na graduação e no mestrado.

4 O desenvolvimento desta seção, que reverbera em outras partes deste artigo, dialoga com discussões realizadas na disciplina Linguagem e Discurso, ministrada pela minha atual orientadora, Profa. Dra. Júlia Maria Costa de Almeida, no segundo semestre de 2019, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGEL/UFES).

Araújo (2004), em divisões chamadas de patamares, apresenta um percurso em torno do tratamento que se deu ao longo da história a respeito da relação entre linguagem e realidade. No modelo logicista, como pontua a autora, dominam-se as propriedades significativas e denotativas das proposições com valor de verdade. Em uma semântica veritativa, os logicistas centram-se na relação entre sentença e estado de coisa, modelo no qual a linguagem tem a função de referir-se precisamente, em um ângulo pelo qual a linguagem é vista de forma cristalina e isenta dos obstáculos da vida cotidiana. Para esse patamar, a autora destaca os nomes de Russell (1872-1970), Wittgenstein I (1889-1951) e Kripke (1940- ), que, cada um a seu modo, privilegia o pensamento, colocando a linguagem apenas como uma mediadora na central tarefa de descrição do mundo e das coisas.

Com a virada pragmática, conforme a autora, a referência perde sua centralidade, passando a ser apenas uma entre diversas facetas da linguagem em uso. Nesse patamar, numa atenção à cotidianidade, não há qualquer perseguição por correspondências entre palavras e coisas: referir-se passa a ser uma questão que envolve fatores diversos, como situação de fala, contexto, intenção, comportamento verbal, entre outros, sem os quais não há linguagem. Na sua discussão sobre esse momento, ganham destaque os estudos de Wittgenstein II — que sai de uma visão logicista para uma perspectiva voltada para a cotidianidade, com os seus jogos de linguagem —, de Austin (1911-1960), Searle (1932- ) e Strawson (1919-2006), que levam a compreensão e o lugar da língua para uma nova direção. Além desses e de outros, a autora inclui na sua discussão as contribuições de Mondada e Dubois (1995), que argumentam sobre a referenciação — no lugar do termo referência —, pela qual a remissão ao mundo e às coisas é vista como uma construção discursiva.

Mondada e Dubois (2014 [1995]) argumentam que aquilo que se chama referente, longe de ser uma entidade dada, é objeto construído, ou, como denominam, *objeto de discurso*. Essas autoras rejeitam a concepção de espelhamento da realidade, de base filosófica realista, consoante à qual as construções linguísticas refletem diretamente o mundo e as coisas. Em vez de um etiquetamento das coisas pelas palavras, as autoras propõem que as categorias e os objetos de discurso são construções contextuais que se elaboram no curso das atividades dos sujeitos. Desse modo, as categorizações não devem ser consideradas como uma ligação direta com o mundo, como se elas discretizassem uma realidade exterior. Em vez disso, as categorizações são processos que se desenvolvem nas interações humanas com o mundo e com os outros, em processos semióticos complexos.

Esse importante salto de compreensão, da não relação direta entre palavras e realidade e, conseqüentemente, do privilégio dado à palavra concreta, podia ser visto, em outras condições de produção, mas de forma muito bem elaborada, no Círculo de Bakhtin, de algum modo já em *Para uma filosofia do ato responsável*, obra chamada de a filosofia primeira:

[...] Um objeto absolutamente indiferente, totalmente óbvio, não poderia se tornar alguma coisa realmente reconhecida, efetivamente experimentada: quando tenho experiência direta de um objeto, quer dizer quando de fato estou fazendo alguma coisa em relação a ele, esse objeto entra novamente em relação com alguma coisa que me coloco como tarefa, e que adquire densidade na minha relação com ele. Não se pode viver a experiência de uma dádiva pura [...] (BAKHTIN, 2010 [1920-1924], p. 85).

Nesse excerto, fica evidente que esse filósofo tinha em mente uma ideia bem distante daquela em que se buscava discretizar o mundo por meio das palavras, em que elas serviriam apenas de instrumento para o pensamento. No lugar disso, concebe que essa relação com os objetos não pode ser direta, pura, mas é sempre carregada de algum posicionamento do sujeito. Sobral (2020), em uma obra cuja proposta é dar um roteiro de leitura para a referida obra, aponta que Bakhtin critica teorias que propõem um acesso direto ao mundo, mostrando que o



contato com o mundo é sempre valorativamente mediado.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Volóchinov (2017 [1929]) situa esse problema no mundo do signo, que é imprescindível para a materialização da ideologia. Segundo o autor, um signo, além de fazer parte de uma realidade, ele também reflete e refrata uma realidade exterior. O signo, que está sujeito aos critérios de avaliação, pode distorcer tal realidade externa, ser-lhe fiel, bem como apreendê-la de um ponto de vista específico. Além disso, acrescenta que as esferas de atividade humana (ou ideológicas) estabelecem a sua própria maneira de orientação para a realidade, no seio das quais consciências sógnicas e ideológicas interagem. Esse autor afirma, ainda, que

[...] Na realidade, nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou mal, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável e assim por diante. *A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica cotidiana [...]* (VOLÓCHINOV (2017 [1929], p. 181, grifo no texto).

Essa afirmação aponta para a inseparabilidade entre linguagem e seu valor ideológico, entendendo que não expressamos simplesmente palavras, mas enunciados, que se realizam com um caráter avaliativo. Essa não indiferença constitutiva do dizer pode ser vista na literatura, na ciência, nas conversas do dia a dia, como também nas impressões dadas às diversas práticas humanas, o que não é diferente quando o objeto que se tem é a própria prática de língua.

Em *Questões de literatura e de estética*, no capítulo *O discurso no romance*, destaca-se a heteroglossia discursiva, inerente à orientação por palavras sobre os objetos e temas. Ao dirigir-se a um objeto, cada ser não o faz como um Adão que traz a primeira palavra em um mundo virgem, monologicamente e sem avaliações. Diferentemente disso, todo discurso encontra o objeto ao qual se orienta “já desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por uma névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele” (BAKHTIN, 2002 [1934-1935], p. 86).

Por assim ser, cada discurso sobre o mundo, as coisas e os mais diversos temas, no *aqui* e *agora*, embora em um evento único, ressoa ao som de outras vozes e conceituações já produzidas, ainda que seja tomado, no ato, como fruto de minhas palavras. Em outros termos, a palavra é constitutivamente heterogênea, não podendo o falante tomá-la, bem como atribuir valores aos objetos, sem usar palavras já ditas e valores já dados por outros.

Essa breve explanação, que, inevitavelmente, precisou fazer seleções e recortes no corpo de teorias e obras muito mais amplas, antes de ser uma busca por segurança para se pensar a relação entre linguagem e realidade mediante um gesto com mais concessões, coloca-se, sobretudo, para desestabilizar qualquer aparente estabilidade nessa relação. Essa postura torna-se ainda mais necessária quando se trata de um objeto que escapa a qualquer conceituação fechada, como é o caso da *língua*, ou melhor, a *prática de língua*. A própria ciência linguística, que, como outras, é vocacionada a nomear, abarca uma pluralidade de conceituações e dissensos na arena de suas verdades, como em relação à prática ou atividade de língua, tomada neste artigo sem qualquer busca por precisões conceituais. Essas opacidades são ainda mais notórias quando, fora da academia, as orientações sobre os objetos são mais livres e situacionais.

Dessa forma, atentar para as avaliações de um objeto expressivo e falante, que, relativamente, está livre de categorizações aparentemente seguras de um estudioso de língua equipado com suas ferramentas, é trocar respostas mais objetivas para ir de encontro às *névoas escuras* da construção dos sentidos. Sendo assim, a proposta deste artigo é fazer esta cara troca, com a qual se tem ganhos e perdas. Uma das perdas é oferecer uma interpretação incompleta, ainda que com algum acabamento, e incapaz de dar a sensação de calma na agitação dos sentidos. Um dos ganhos, contudo, é a possibilidade de ir ao encontro de um fazer científico mais interessado na respectiva condição dos sujeitos em interação, pesquisador e pesquisado, o que, em uma perspectiva dialógica da linguagem, é de grande importância.

## Análise dialógica do discurso: caminho metodológico

O presente estudo, que tem o objetivo de abrir uma discussão sobre a prática de língua (inglesa) de imigrantes brasileiros nos EUA, deu atenção aos valores atribuídos por esses sujeitos sobre sua própria prática de língua. Essas informações tiveram como fonte a pesquisa *Perfil de Saúde dos Imigrantes Brasileiros Retornados a Governador Valadares — 2015*<sup>5</sup>, composta por 124 entrevistas. Dessas entrevistas, que compõem a totalidade do *corpus*, ganharam uma atenção especial aquelas em que, além das assinalações objetivas, foram adicionadas transcrições diretas de trechos de falas ou anotações sobre respostas dos entrevistados<sup>6</sup>, gerando um total de 24 unidades: com respostas de 15 homens e 9 mulheres.

Sobre as características gerais dos sujeitos dessa pesquisa, tratava-se de imigrantes brasileiros que partiram de Governador Valadares, Minas Gerais, ou de alguma localidade próxima a essa cidade<sup>7</sup>, retornando para o seu local de partida depois de pelo menos um ano de estadia nos EUA. Eram, ainda: com idade superior a 18 anos, 81 homens (65,3%) e 43 mulheres (34,7%), trabalhadores em serviços não qualificados, na época em que eram imigrantes nos EUA, e retornados a partir dos anos 2000, sendo todos capazes de relatar sobre suas experiências com a língua, descrita no questionário como língua inglesa.

Quanto ao questionário aplicado, no qual diversos assuntos circundavam o tema saúde, havia uma seção preliminar na qual os entrevistados foram levados a apresentar valores sobre o seu próprio uso da língua inglesa. Os entrevistados, dadas as opções de respostas —  *muito bem (MB)*, *bem (B)*, *regular (R)*, *um pouco (UP)* e *muito pouco (MP)* —, deveriam responder às seguintes questões, expostas em forma afirmativa: *Você fala inglês; Você lê inglês; Você compreende inglês*<sup>8</sup>.

Para a compreensão dos dados, as informações numéricas bem como as falas e anotações foram analisadas — ou problematizadas — pelo método de *análise dialógica do discurso* (ADD). Brait (2008) pontua que, embora Bakhtin e seu Círculo não tenham proposto um método de análise de discurso formalmente, com preceitos sistematicamente organizados, é possível crer que o conjunto das obras do Círculo motiva o nascimento de uma *análise/teoria dialógica do discurso* (ADD). Conforme a autora, *Marxismo e filosofia da linguagem*, de Volóchinov, e *Problemas da Poética de Dostoiévski*, de Bakhtin, já seriam obras suficientes para sustentar uma *teoria/análise do discurso*. Em relação à segunda obra, já seria possível ver nela um esboço de análise discursiva, obra em que Bakhtin (1997 [1963], p. 183, grifo no texto) argumenta sobre uma *metalinguística* ou *translinguística*.

Assim, as relações dialógicas são extralinguísticas. Ao mesmo tempo, porém, não podem ser separadas do campo do *discurso*, ou seja, da língua enquanto fenômeno integral concreto. A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da *vida* da linguagem. Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas [...]. Essas relações se situam no campo do discurso, pois este

5 Essa pesquisa foi coordenada pela Profa. Dra. Sueli Siqueira (Universidade Vale do Rio Doce — UNIVALE) e pelo Prof. Dr. Carlos Eduardo Siqueira (University of Massachusetts Boston — UMAS Boston), constituída por 124 entrevistas formais. As informações dessa pesquisa encontram-se arquivadas no banco de dados do Núcleo de Estudos Multidisciplinar sobre o Desenvolvimento Regional, da Universidade Vale do Rio Doce (NEDER/UNIVALE). Agradeço aos dois pesquisadores por cederem, generosamente, os dados solicitados da referida pesquisa.

6 O questionário foi constituído por questões fechadas, com pouco espaço para respostas livres. Entretanto, diante da dificuldade de parte dos entrevistados em dar respostas mediante apenas os mecanismos dispostos ou pela introdução espontânea de explicações significativas — como bolsista de Iniciação Científica (IC) e responsável pela aplicação da maioria dos questionários —, fiz transcrições de trechos de falas e anotações ao lado da questão focalizada.

7 As entrevistas, na totalidade delas, foram realizadas em Governador Valadares, Minas Gerais (37,9%), além de outras localidades próximas a essa cidade: Central de Minas (25,8%), Engenheiro Caldas (9,7%), Coroaci (8,9%), Santa Rita do Itueto (5,6%), Quatituba (Itueta) (4,8%), São Geraldo de Tumiritinga (Tumiritinga) (4%), Conceição de Tronqueiras (Coroaci) (1,6%) e Era Nova (Alpercata) (1,6%).

8 O questionário, que tinha objetivos próprios, não trouxe espaço formal para a modalidade de escrita.

é por natureza dialógico e, por isto, tais relações devem ser estudadas pela metalinguística, que ultrapassa os limites da linguística e possui objeto autônomo e metas próprias.

À luz dessa menção, Brait (2008) destaca que essa disciplina tem uma metodologia que considera o seu objeto como sendo de muitas faces, na qual, apesar de ter um caminho próprio, não descarta os aspectos linguísticos. Conforme a autora, com base na obra citada acima, o discurso não se constitui somente de uma perspectiva interna, ou, em sentido inverso, de uma perspectiva estritamente externa, o que resultaria em excluir o ponto de vista dialógico. Assim, em uma perspectiva dialógica da língua devem ser consideradas dimensões linguísticas e extralinguísticas conjuntamente.

Em sua proposta, Brait (2008) chama a atenção para uma característica peculiar desse método, que se percebe nas estratégias utilizadas por Bakhtin ao analisar o conjunto da obra de Dostoiévski: em uma análise dialógica do discurso (doravante ADD), não há categorias *a priori* a serem aplicadas rigidamente sobre textos e discursos. Em vez disso, assim como o fez Bakhtin, as categorias são configuradas mediante uma leitura cuidadosa do material analisado.

Todavia, isso não quer dizer que a ADD esteja dada à aleatoriedade ou ao acaso. Sobral e Giacomelli (2016), em um texto introdutório acerca desse método, apresentam conceitos fundamentais para a análise: *enunciado, interação, signo ideológico e gêneros do discurso*, que devem ser vistos de forma inter-relacionada. Ao esboçarem o processo que envolve uma análise por meio da ADD, os autores propõem: em primeiro lugar, deve-se partir de textos efetivamente produzidos, isto é, de enunciados; em segundo lugar, deve-se verificar como os sujeitos realizam interações com os gêneros produzidos; em terceiro e último lugar, devem ser examinadas as formas linguísticas em sua significação habitual, realizadas contextualmente e na relação entre interlocutores.

Além de outros destaques, os autores trazem para as suas reflexões sobre a ADD a ideia de valor: ao falarmos e ouvirmos, não lidamos simplesmente com palavras e frases, mas com verdades, mentiras, elogios, críticas, ordens etc. Em outras palavras, a proposta em tela não admite um tratamento puramente frasal das palavras. Diferentemente disso, elas devem ser contextualizadas, compondo-se juntamente com a dimensão não verbal.

Com base no que foi posto nesta seção, como também considerando a aplicação desse método em outros trabalhos desenvolvidos sobre a prática de língua de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos (LUCAS, 2017; LUCAS, 2018; LUCAS e SIQUEIRA, 2017; LUCAS e SIQUEIRA, 2018), os passos seguidos nesta investigação resumem-se em: coleta de dados, que teve sua finalização em 2015; organização de trechos de falas e anotações em tabelas, com identificação dos sujeitos; comparação entre valores apresentados nas questões fechadas e trechos de falas ou anotações; observação das recorrências nas informações, em atendimento aos propósitos desta investigação. Por meio desse procedimento, ganhou destaque a ideia de *valor*, que se relacionou a outros conceitos dispostos no dialogismo, possibilitando um caminho de compreensão das informações.

## **Avaliações de imigrantes brasileiros sobre sua própria atividade de língua**

Antes de entrar nas partes mais centrais deste estudo, é preciso destacar que as motivações migratórias dos sujeitos entrevistados, podendo haver outras conjugadas, eram predominantemente relacionadas ao desejo de melhoria de vida financeira. Em coerência com essa constatação, diversos estudiosos apontam que o fenômeno migratório em foco passa pela motivação econômica: emigrantes brasileiros, em sua maioria, partem para os EUA para trabalhar, juntar dinheiro, comprar bens e montar algum negócio próprio no país de origem (MARGOLIS, 1994; MARTES, 1999; SALES, 1999; SIQUEIRA, 2009). Isso foi tão notório que, na secundária parte em que se perguntava sobre a língua, apresentada bem no início do questionário, era comum os entrevistados relacioná-la ao trabalho, ou seja, era muito recorrente o intercâmbio entre língua e as vivências dos sujeitos no mundo do trabalho.



Helena (31 anos, Central de Minas)<sup>9</sup>, por exemplo, quando questionada sobre sua experiência com a língua falada e a língua escrita, afirmou que, quando o candidato passa por uma entrevista de emprego, se ele não sabe falar a língua inglesa ou preencher o currículo, logo é descartado: “Americano descarta quem não sabe a língua”, disse a entrevistada. Essa entrevistada não foi a única a relacionar prática de língua e trabalho.

Necessidade de compreender a que me pediam; não havia tanta exigência sobre falar; [era mais importante] fazer o que era exigido (Sônia, 36 anos, Coroaci).

Falava para trabalhar (Ricardina, 49 anos, Engenheiro Caldas).

Trabalhei pra uma pessoa que tinha [...] o marido intermediava para esposa; eu trabalhava para esposa. O esposo tinha vinte anos de América. Sílvia, uma mulher que explorava. Sabia mais inglês do que ela (Neuza, 48 anos, Governador Valadares).

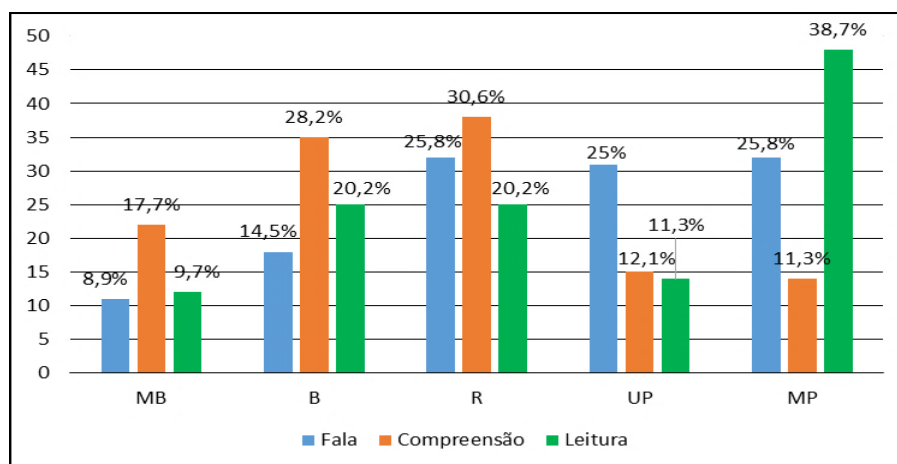
O cara te fala uma coisa, aí o encarregado brasileiro falava: ‘é isso!’. Aí a gente aprendia algumas palavras (Ronaldo, 36 anos, Era Nova).

Sem entrar no debate da relação entre prática de língua (inglesa) e mercado de trabalho, algo que, de um ponto de vista, pode ser notado entre os autores elencados na segunda seção, deve-se destacar, contudo, que essa recorrência não elimina a relação entre práticas de língua e outras esferas de atividade humana, algo percebido no curso das entrevistas. Tendo em consideração essa realidade, as avaliações desses sujeitos sobre suas próprias práticas de língua, a exemplo dos excertos acima, passam pelo entendimento pessoal de como os sujeitos se percebiam em suas relações comunicativas e concretas em língua inglesa, sendo o trabalho uma esfera bastante inserida em seus discursos no momento em que atribuíam valores sobre suas práticas de língua.

Dadas as considerações iniciais, a pesquisa *Perfil de Saúde dos Imigrantes Brasileiros Retornados a Governador Valadares-2015*, que teve como objetivo principal coletar dados sobre a saúde de imigrantes brasileiros retornados dos EUA, oferecia um espaço para os entrevistados relatarem sobre suas práticas de língua. Ao serem questionados sobre *fala*, *compreensão* e *leitura* em língua inglesa, esses sujeitos deveriam indicar algum dos valores determinados no questionário: *muito bem (MB)*, *bem (B)*, *regular (R)*, *um pouco (UP)* e *muito pouco (MP)*. O resultado numérico geral dessas indicações pode ser visto na figura (1) abaixo, que traz a representação dos valores emitidos pelos 124 entrevistados na referida pesquisa.

9 O nome exposto é fictício, para preservar a identidade da entrevistada. Esse procedimento se repete em relação às demais identificações de sujeitos entrevistados.

**Figura 1.** Atribuição de valores quanto ao sucesso na habilidade de fala, compreensão e leitura em língua inglesa (%).



Fonte: LUCAS (2017, p. 106).

Como pode ser visto, a categoria *compreensão*, oferecida no questionário, superou positivamente todas as outras, com valores de 17,7% para MB, 28,2% para B, e 30,6% para R. Em direção oposta esteve a categoria *leitura*, que trouxe os maiores números no valor MP, com 38,7%. Em uma combinação entre *fala* e *compreensão* — em 51% das respostas —, constatou-se que a *compreensão* apresentou uma ascendência em relação à *fala*. Em outros termos, os valores dados a essa categoria em destaque, em mais da metade das respostas, subiram pelo menos uma casa de valor ao serem colocados ao lado dos valores relacionados à modalidade de *fala*<sup>10</sup>. Quanto à equiparação de valores na relação entre essas duas partes, pontuaram 43% das respostas. No geral, pode-se dizer que os emigrantes apontaram a *compreensão* como o aspecto da língua de maior valor positivo (LUCAS, 2017).

Em um primeiro momento, essa ocorrência pode ser pensada como uma sequência esperada em um processo de prática de língua, na ideia de que ouvir, mesmo sem a prática de fala em algum nível desejado, não é algo passivo. Essa ideia, além do movimento que pode ir de alguma teoria sobre o objeto, é instigada pelas palavras de um dos entrevistados ao argumentar sobre sua aprendizagem da fala em língua inglesa: “Ouve falar [...] ouvindo e aprendendo” (Luiz, 46 anos, Governador Valadares).

Essa breve exposição numérica, com o restrito comentário inspirado na fala de um dos entrevistados, é dada apenas para o conhecimento do interlocutor deste artigo, ficando na responsabilidade do leitor os desdobramentos dessas valorações iniciadas e a construção de suas próprias contrapalavras. Todavia, uma ideia que pode ajudar nessa tarefa transferida, pelo menos no que concerne à problematização das informações, é a de *compreensão responsiva ativa*, desenvolvida no Círculo. Segundo Bakhtin (2011 [1979]<sup>11</sup>), toda palavra é recebida com apreciação, e a resposta avaliativa é inevitável. Essa resposta pode ser audível, mas também apenas de ouvido, na execução silenciosa de uma ordem, como é comum em espaços altamente hierárquicos. No que interessa nesta parte, seja com resposta audível, que pode ser adequada ou inadequada, sem que, necessariamente, passe por uma nova explicação ou correção do falante em contexto; seja pela compreensão adequada ou inadequada guardada em silêncio, âmbito particular do ouvinte, deve-se considerar que esse posicionamento ativo não se reduz a um modelo ideal de codificação e decodificação, em uma comunicação transparente.

Sobre esse posicionamento ativo, levado, agora, para a interação entre pesquisador e entrevistados, todos os sujeitos deram suas respostas. No entanto, alguns mostravam nitidamente um descontentamento com os limites das alternativas fechadas, havendo a necessidade

<sup>10</sup> Por exemplo, o valor UP dado para fala, em diversos casos, vinha acompanhado do valor R para a compreensão; o valor R dado para a fala vinha acompanhado do valor B para a compreensão.

<sup>11</sup> No ano de 1979, foi publicada primeira versão de *Estética da criação verbal*, em russo, contendo textos de diversas datas.

de ampliação de respostas à parte. As trocas entre um valor e outro aconteciam com frequência, com ajustes e solicitações para que os valores fossem relidos pelo entrevistador e, após o consentimento do informante, aprovados. Nessa parte do questionário, são evidentes as marcas de lápis e marcas de borracha sobre as alternativas e ao lado delas. Mesmo depois de fechada a questão, era comum sinais faciais de descontentamento, que indicavam faltar algo a ser dito ou corrigido.

Apesar dessa instabilidade, ao serem questionados, era nítida a reação avaliativa dos entrevistados, que pareciam estar munidos de alguma resposta prévia sobre o assunto. Esses sujeitos, ao relatarem sobre suas práticas de língua, embora com pouco espaço para esboçar suas respostas, manifestaram grande engajamento ao darem suas autoavaliações. Alguns eram pontuais em suas repostas, antecipando a escolha da opção de resposta fechada: “não sei nada”, “domino a língua inglesa”, “conseguia me virar”. Expressões valorativas como essas, frequentemente, inauguravam o momento de explicação e justificação da resposta, culminando com a indicação de qual resposta deveria ser assinalada no questionário<sup>12</sup>.

Ao relatarem sobre suas práticas de língua nas modalidades oral e escrita, destacou-se mais uma vez a opacidade desse objeto de discurso. Um exemplo que mostra a complexidade dessas duas categorias linguísticas em uso pode ser visto na entrevista com Armando (54 anos, Central de Minas), que, ao responder sobre o tipo de trabalho que exercia nos EUA, mencionou foneticamente aceitável a expressão /lændskeɪpɪŋ/, mas não soube soletrar *landscaping*: “Eu sei falar, mas não sei como se escreve”, disse o entrevistado. Destaca-se, ainda, que o sujeito, ao responder ao questionário formal, apontou o valor *muito pouco* para todas as modalidades listadas, além de dizer espontaneamente “nada, nada, nada” ao ser solicitado que emitisse valores em relação à sua prática de língua inglesa.

Em outro caso, na entrevista com Nilton (45 anos, Governador Valadares), o emigrante retornado atribuiu *bem* para todas as questões dispostas, avaliando-se como um bom praticante da língua inglesa. Em contrapartida, ao relatar mais detalhadamente sobre as suas práticas linguísticas no contexto de migração, revelou que tinha muita dificuldade com a escrita, especialmente no início de sua estadia nos EUA, dependendo de ajuda alheia em seu ramo de trabalho com pintura de casas. Como empregador, em sua companhia de pintura, o entrevistado afirmou que recibos e contratos de trabalho eram feitos com a ajuda de uma pessoa que cobrava para redigir os documentos solicitados. Ao perder esse apoio técnico, Nilton passou a reproduzir os textos que tinha prontos, readaptando localmente os documentos e atualizando a escrita, em atendimento às suas necessidades.

Essa situação apresentada provoca uma reflexão sobre o que há de estabilidade e singularidade em textos reais produzidos. Segundo Bakhtin (2011 [1979]), cada texto enunciativo, oral ou escrito, está atrelado ao sistema de linguagem, parte que corresponde a tudo o que é e pode ser repetido e reproduzido. Por outro lado, há também no texto uma dimensão individual, única e singular, parte na qual reside todo o seu sentido. Essa segunda parte, conforme o autor, não se vincula ao sistema da língua, mas a outros textos, a relações dialógicas.

Acrescenta-se, ainda, que, conforme Bakhtin (2011 [1979]), cada enunciado se realiza em algum gênero, denominado pelo autor como formas relativamente estáveis, atendendo às diversas esferas da atividade humana. Essas formas, contudo, não se efetivam com a mesma intensidade de criação, de modo que algumas são mais livres, e outras, mais regulares.

Assim sendo, alterar dados em recibos ou contratos de trabalho não traz a mesma exigência de criatividade que se teria para elaborar um ponto de vista em uma discussão sobre algum tema complexo. Com isso, supõe-se que, embora o entrevistado tenha experimentado dificuldades com a escrita, a dimensão estável da língua e, especialmente, o grau de estabilidade do gênero a ser reproduzido, possibilitava fazer, com sucesso, substituições pontuais sobre os textos criados previamente, evitando-se criações integrais desses textos.

Diante dos casos apresentados nesta seção, muito mais problematizados do que interpretados, foi possível perceber a disposição ativa e valorativa de cada sujeito no que respeita à sua prática de dizer, não podendo ser indiferente a isso. Entretanto, fica difícil oferecer qual-

12 As limitações das questões, diante do tudo a ser dito, eram mais perceptíveis quando o entrevistado associava a língua com o seu uso prático, sugerindo que a sua resposta não comportava todos os valores e usos vivenciados.

quer fechamento ou generalização acabada em relação aos relatos sobre a prática de língua desses sujeitos, não sendo possível uma equiparação rígida entre as respostas colocadas. Ao serem dispostas alternativas fechadas para atribuírem valor a respeito de sua prática de língua, esses sujeitos trazem para as suas respostas experiências reais e associadas com outras atividades da vida real, sugerindo que, ao lado do entendimento relativamente estável entre pesquisador e pesquisado, importante para o diálogo, há experiências particulares em relação ao objeto valorado, ou seja, à prática de língua vivida em contexto migratório.

### Considerações Finais

Os dados apresentados e sua análise, longe de fecharem o assunto, sugerem que os valores emitidos pelos emigrantes quanto à sua prática de língua, posta neste artigo como objeto de discurso, estão intimamente relacionados à experiência única de cada um deles. O fato de o emigrante se autodeclarar um bom usuário da língua inglesa não significa, necessariamente, que ele, no uso concreto da língua, se considere/seja satisfatoriamente hábil nas modalidades de leitura, escrita, compreensão e fala. Não significa, também, que o sujeito seja capaz de usar a língua inglesa, idealisticamente, nos diversos contextos e gêneros e em todas as exigências de modalidades. Na verdade, as próprias modalidades são tomadas valorativamente de modo particular, em um jogo de linguagem no qual a aparente estabilidade da prática de língua vai sofrendo tensões à medida que tal prática é relacionada com a vida.

Por outro lado, mas com a mesma opacidade de sentidos, casos em que o emigrante atribui valores negativos sobre sua prática de língua, inclusive quando o entrevistado diz não saber nada da língua inglesa, não querem dizer que ele não se perceba/seja capaz de pronunciar alguma expressão em língua inglesa ou se fazer entendido em alguma situação real. Deve-se ter em consideração que a prática de língua relatada por esses sujeitos — e o dialogismo dá o devido suporte — não está confinada em fronteiras verbalmente claras. Dialogicamente, a parte verbal é apenas uma dimensão da prática de língua, que se atualiza entre sujeitos reais e situados sócio-historicamente, em um acontecimento que agrega múltiplas formas que dão sentido.

Em todos os casos apresentados, e independentemente de como as práticas de língua inglesa — ou, talvez, sem essa especificação por ora — são efetivadas, os sujeitos apresentaram suas valorações sobre seu uso linguístico, na ideia de que estavam produzindo enunciados valorativos ao relatarem sobre sua prática de língua, tomando-a como objeto de discurso. Contudo, os valores numéricos e demais atribuições valorativas dados pelos sujeitos não devem ser vistos como definitivos ou generalizáveis, uma vez que trazem consigo uma língua real, com forças centrípetas, mas também centrífugas, em atribuições feitas de lugares únicos. Por assim ser, considero que levar em conta essas duas forças — e aqui houve uma atenção sobre a segunda — pode ser um caminho razoável para se alcançar uma compreensão ampla acerca da prática de língua desses sujeitos em contexto migratório, algo que passa pela análise e consideração ao entendimento de língua que esses próprios sujeitos afirmam discursivamente praticar.

### Referências

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Do signo ao discurso**: introdução à filosofia da linguagem. São Paulo: Parábola, 2004.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. de Paulo Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997 [1963].

\_\_\_\_\_. O discurso no romance. In: **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Trad. Aurora F. Bernardini et al. São Paulo: Hucitec, 2002 [1934-1935]. p. 71-210.

\_\_\_\_\_. **Para uma filosofia do ato responsável**. 2. ed. Trad. de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João, 2010 [1920-1924].

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Trad. de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: \_\_\_\_\_. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 9-31.

LIMA, A. E. de C.; CASTRO, A. de L. B. de. **Brasileiros nos Estados Unidos: meio século (re)fazendo a América (1960-2010)**. Brasília: FUNAG, 2017.

LUCAS, R. B. **Práticas de língua inglesa na territorialização de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos**. 2017. 179 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Integrada do Território) – Universidade Vale do Rio Doce, UNIVALE, Governador Valadares, Minas Gerais.

\_\_\_\_\_. Língua inglesa e território: a questão dos gêneros discursivos na inserção de imigrantes brasileiros no mercado de trabalho estadunidense. In: SIQUEIRA, S. (Org.). **Ligações migratórias contemporâneas: Brasil, Estados Unidos e Portugal**. Governador Valadares: NEDER/UNIVALE, 2018. p. 80-100.

LUCAS, R. B.; SIQUEIRA, S. Brasileiros imigrantes nos Estados Unidos e a variação linguística: práticas de língua no contexto migratório. **PERcursos Linguísticos**, Vitória-ES, v. 7, n. 16, p. 257-276, 2017.

\_\_\_\_\_. Práticas de língua inglesa de mulheres imigrantes brasileiras em sua territorialização nos Estados Unidos. In: 13º MUNDO DE MULHERES & FAZENDO GÊNERO 11. 13., 11., 2017, Florianópolis. **Anais do XI Seminário Internacional Fazendo Gênero: 13th. Women's Worlds Congress**. Florianópolis: UFSC, 2018.

MARGOLIS, Maxine L. **Little Brazil: imigrantes brasileiros em Nova York**. São Paulo: Papyrus, 1994.

\_\_\_\_\_. **Goodbye, Brazil: emigrantes brasileiros no mundo**. São Paulo: Contexto, 2013.

MARTES, A. C. B. **Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MONDADA, L.; DOBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M. et al. (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2014 [1995]. p. 17-52. (Coleção Clássicos da Linguística)

SALES, Teresa. **Brasileiros longe de casa**. São Paulo: Cortez, 1999.

SANTOS, C. F. M. dos; FERREIRA, V. de S.; CARREIRA, L. Os quirópteros do Novo Mundo: a América e o morcego hematófago no relato de viajantes quinhentistas. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 23, n. 38, p. 561-573, Jul/Dez, 2007.

SIQUEIRA, S. **Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno: Brasil-Estados Unidos**. Belo Horizonte: Argumentvm, 2009.

\_\_\_\_\_. Histórico das migrações de Governador Valadares para os Estados Unidos: Governador Valadares – onde começa a emigração de brasileiros. In: BÓGUS, Lucia; BAENINGER, Rosana (Org.). **A nova face da emigração internacional no Brasil**. São Paulo: EDUC, 2018.



SIQUEIRA, S.; ASSIS, G. O.; CAMPOS, E. C. As redes sociais e a configuração do primeiro fluxo emigratório brasileiro: análise comparativa entre Criciúma e Governador Valadares. In: ESPINDOLA, H. S.; ABREU, J. L. N. (Orgs.). **Território, sociedade e modernização**: abordagens interdisciplinares. Governador Valadares, MG: UNIVALE, 2010.

SOBRAL, A. **A filosofia primeira de Bakhtin**: roteiro de leitura comentada. Campinas: Mercado de Letras, 2020.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso - ADD. **Domínios de Lingu@gem**, v. 10, p. 1076-1094, 2016.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

Recebido em 25 de agosto de 2020.

Aceito em 13 de janeiro de 2021.